

VÍNCULOS DE PODER: "O CASO DA VARA", DE MACHADO DE ASSIS

Cláudio Aquati*

Resumo

São complicados os aspectos da teia de relações da sociedade que Machado transforma em conto. Quem mantém o poder em "O caso da vara"? Como se dá a transmissão de poder entre aqueles que o detém? A discussão de respostas a questões como essas é a tônica desta leitura do conto "O caso da vara".

Palavras-chave

Conto; Machado de Assis; "O caso da vara"; Poder; Sociedade.

Abstract

Machado de Assis is able to transform complicated aspects of social relation bonds into short-stories. Who holds the power in "O Caso da Vara"? How is power transmitted from one person to another? Discussing answers to such questions is the tone of this reading of the short-story "O Caso da Vara".

Keywords

Machado de Assis; Power; Short-story; Society; "O Caso da Vara".

* Departamento de Estudos Linguísticos e Literários – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15054-000 – São José do Rio Preto – SP. E-mail: aquati@ibilce.unesp.br

Tinha uma cicatriz no meio da testa:
Que foi isto, Siquê?
Com voz de atrás da garganta, a boquinha tuíra:
— Minha mãe (a madrasta) estava costurando
Disse vai ver se tem fogo
eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo
Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça
na brasa.
Riu, riu, riu...

Cunhantã,
Manuel Bandeira

Por que Damião entrega a vara a Sinhá Rita? Para aqueles que já tiveram o prazer e a surpresa de se defrontar com os contos de Machado de Assis, uma resposta como "Ora, é claro, Damião não queria desagradar a quem mandava e desmandava em tudo naquela ocasião" parece evidente demais. É que, a partir dessa, sobrevêm outras questões: será mesmo Sinhá Rita quem manda mesmo em tudo? Como ela faz isso? Enfim, quem haverá de manter o poder em "O caso da vara"?

Refletir acerca dessa última questão é revelar a ponta de um novelo: como sempre, em Machado de Assis, em vez de questões fechadas há alternativas e variações, e a atenção volta-se ora para Sinhá Rita, ora para o próprio Damião.¹

Se não resta dúvida de que quem concentra o poder imediato é Sinhá Rita, limitar a leitura dessa forma, contudo, não é possível, pois as relações travadas pelas personagens, no conto, são muitas. Se em Sinhá Rita o autoritarismo é imanente e ela maneja as personagens à sua maneira, Damião espertamente a maneja segundo seu desejo. Mas o poder de Damião tem um limite, e o rapaz não pode desagradar Sinhá Rita com atitudes afrontosas, como, por exemplo, dar proteção a Lucrecia². Deve-se considerar, também, que Damião tem o poder de salvar Lucrecia, dependendo disso a ruptura da relação de favor com Sinhá Rita que, segundo a visão de Damião, essa atitude implica.

Interessa, porém, observar que Damião tem, obviamente, noção da pessoa com quem vai travar relações quando recorre à Sinhá Rita, uma pessoa cujo despotismo, ele crê, pode ser trabalhado a seu favor. Esse despotismo característico de Sinhá Rita vem expresso no conto de três maneiras principais: por meio de seu discurso, por suas ações e por intermédio de sua relação com João Carneiro³.

Logo na primeira vez em que lhe é feita referência, Sinhá Rita já aparece ligada a um verbo típico do seu caráter: "Ela [Sinhá Rita] manda chamar meu padrinho" (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 274 - colchetes nossos)⁴. Em seguida, a expressão "diz-lhe que quer que eu saia do seminário" indica existir uma relação tal entre ela e João Carneiro que um desejo dela equivale a uma ordem. É, também, significativo que a viúva seja sempre chamada por "Sinhá", verdadeira 'patente', como se militar fosse. A ela ninguém se refere de outra forma que não intensifique a relação respeito/temor entre si e a matrona; por exemplo, o vocativo que se emprega preponderantemente é "Sinhá Rita", o que revela o reconhecimento (e a consolidação), pelas personagens, dessa relação. Mesmo João Carneiro, que se afigura como o mais íntimo dos que a frequentam, trata-a por "minha senhora". Além disso, inúmeros verbos e expressões que se referem à Sinhá Rita exprimem uma ideia ligada a poder, com ou sem a noção

1 Damião: a verificação etimológica mostra que esse nome é derivação do verbo grego *damnáo*, "domar, vencer, subjugar". Do ponto de vista desta interpretação do conto, o nome parece adequadamente vinculado à personagem.

2 Lucrecia: do latim *Lucretius*: "que atrai, que lucra". Do ponto de vista desta interpretação do conto, a ideia representada pelo nome é oposta ao sucedido à personagem. Por outro lado, se ligarmos a *lucro*, presente nessa etimologia, a palavra *logro*, da mesma família, observaremos a analogia irônica figurada no nome da personagem, isto é, a que atrai, sim, mas o logro.

3 João Carneiro: fina ironia, é visível aqui a ligação do caráter dessa personagem com a imagem que acompanha aquele referido animal, a de eterno conduzido. E é, no mínimo, curioso o fato de Sinhá Rita morar no largo do Capim quando tem um "amigo" Carneiro.

4 Como todas as citações do conto foram retiradas do livro *Os melhores contos de Machado de Assis* (1986, p. 273 – 280), só faremos uso do procedimento padrão de citação, no corpo do artigo, quando estritamente necessário.

de truculência, ou, ainda, servem de base a ideias de condução e de repressão, como se vê nos exemplos seguintes, entre muitos outros:

- Santo nome de Jesus! Que é isto, **bradou** Sinhá Rita, sentando-se na marquesa, onde estava reclinada. [...]
- Sinhá Rita vivia principalmente de **ensinar**⁵ a fazer renda, crivo e bordado. Enquanto o rapaz tomava fôlego, **ordenou** às pequenas que trabalhassem [...]
- **Pode, querendo.**” [Damião fala a Sinhá Rita]
- [...]
- Não atende? **interrompeu** Sinhá Rita ferida em seus brios. Ora, eu lhe **mostro** se atende ou não... [...]
- Chamou um moleque e **bradou-lhe** que fosse a casa do Sr. João Carneiro chamá-lo, **já e já.**[...]
- Há de ser possível, **afianço** eu. [...]
- Sinhá Rita presidia a todo esse mulherio de casa e de fora. [...]
- Sinhá Rita não querendo soltar a pequena, **bradou** ao seminarista. (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 274 - 280 - grifos e colchetes nossos).

Temos particularmente a fala de Sinhá Rita, marcada pela presença de imperativos e quejandos, além de certas expressões lacônicas que nitidamente traem seu caráter autoritário:

- Descanse, e explique-se. [...]
- Como assim? Não posso nada. [...]
- Anda, moleque [...]
- Ande lá, seu padreco, descanse. [...]
- Lucrécia, olha a vara! [...]
- Vá, vá! [...]
- Ande jantar, deixe-se de melancolias. [...]
- Ande, Senhor Damião, não se faça de rogado, que as moças querem ir embora. Vocês vão gostar muito. [...]
- Não perdôo, não. Onde está a vara. [...]
- Sr. Damião, dê-me aquela vara, faz favor? (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 274 - 280).

Reforçando essa caracterização da personagem, a passagem em que Sinhá Rita persegue Lucrécia ao vê-la com a tarefa incompleta mostra como Sinhá Rita tem segurança em seu poder. A questão dessa passagem é a ambiguidade:

- Nanhã, Nanhã! Pelo amor de Deus! Por nossa senhora que está no céu!
- Malandra! Nossa Senhora não protege vadias! (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 279).

“Nossa Senhora” pode, aí, aparecer apenas para referir-se ao pedido de proteção à divindade no qual Lucrécia a invoca, mas por outro lado pode-se entender que Sinhá Rita aproxima de si mesma o denominativo “Nossa Senhora”, aproveitando-se da ligação entre o termo de tratamento que os escravos dispensavam a suas senhoras, a redução “sinhá”, com a forma culta “senhora”. Isto é, da mesma forma como João Carneiro, que à viúva dirigira-se da seguinte forma, “— Mas, minha senhora...”, “Nossa Senhora” estaria por “Sinhá Rita”, em suas próprias palavras, aqui, contudo como a projeção da própria divindade. Assim, àquela autoridade que ela mesma antes queria mascarar – nas palavras do narrador: “Damião suspirou alto e triste. Ela, para mascarar a autoridade com que dera aquelas ordens, explicou ao moço que o Sr. João Carneiro fora amigo do marido e arranjara-lhe algumas crias para ensinar” –, ela confere um estatuto que se quer divino.

Mas, se a insistência no caráter autoritário de Sinhá Rita leva-nos a sublinhar seu despotismo, é forçoso, por outro lado, ver nisso apenas uma meia verdade, pois também não seria falso afirmar que nesse conto há, propriamente, a representação de uma complexa rede de opressões: é assim que vemos Sinhá Rita oprimir João

5 Sabe-se bem quais são os instrumentos didáticos de que Sinhá Rita utiliza-se para esse fim.

Carneiro e Lucrecia, e, em certa medida, também Damião. Este, contudo, com uma relativa autonomia, consegue manejar a viúva a fim de alcançar seus objetivos. Ainda, considerando toda essa complexidade, João Carneiro pode ser considerado também um opressor de Damião, mas ao mesmo tempo é oprimido por este, que se vale da própria opressão de Sinhá Rita. Do lado do pai de Damião, vemos-lo opressor de Damião e João Carneiro, mas Sinhá Rita parece ter certa independência ou autonomia em relação a ele. Somente Lucrecia, preta e escrava, é que é a grande oprimida, alvo tanto de Sinhá Rita como de Damião.

Se temos, porém, uma Lucrecia oprimida pela própria condição de escrava, temos um João Carneiro oprimido pela própria condição de espírito. É fácil perceber que sua indecisão (que adiante será objeto de certa interpretação) está estreitamente ligada à sua opressão.

De qualquer forma, acorde com essa complexa rede de opressões, naturalmente iremos nos defrontar com a estrutura que se monta a partir do favor pelo qual almeja Damião, que precisa de um favor do pai, mas que o sabe tão inflexível. Para conseguir o favor, pois, deve apelar para o padrinho, que, na verdade, julgava "um moleirão sem vontade, que por si só não faria coisa útil". Portanto, faz-se necessário que alguém alente João Carneiro de modo a conduzi-lo até o pai de Damião. Dessa forma, surge, na mente do seminarista, a figura de Sinhá Rita.

Essa é a estrutura do favor no conto, que mostra a movimentação das personagens e as relações que travam no interesse de seus benefícios. Para Damião, o objetivo é o favor da liberdade, que, a rigor, é pleiteado por outra personagem, Lucrecia, mas inclina-se mais, é evidente, para o moço. A rigor, também, Damião e Lucrecia pouco diferem quanto a méritos para receberem o favor. Assim, explica-se a tendência de premiar o rapaz não só pela própria condição social como também — e essa questão é fundamental no conto — pelo fato de que Damião sabe como pedir o favor, sabe como lutar por ele naquele intrincado tecido de benefícios. O seminarista tem um plano, conhece o caminho a percorrer e a natureza daqueles a quem tem de apelar. Nesse sentido, a falta de Lucrecia, ironicamente, é um ícone: ela não consegue, manejando os bilros e bastidores, completar o seu tecido.

Assim, Damião explora a face tanto social como psicológica das pessoas que o podem favorecer, tirando proveito das ansiedades e das características de cada um. Uma tal tecedura de relações, em contraste com os pedidos desesperados da menina Lucrecia quando de castigo, afigura-se como a demonstração mesma da teoria da seleção natural, ou "a vitória cabe aos mais aptos". E se no conto não vemos Damião vencer, porque afinal isso não fica exatamente decidido, vemos, sim, Lucrecia inapelavelmente capitular.

Nessa luta pela sobrevivência, Damião e outras personagens se embrenham em atitudes que as caracterizam. Bosi (1982, p. 445) fala da vilania e da lógica que cercam os atos das personagens desse conto. De acordo com seu ponto de vista, Damião é um grande vilão, senão o grande vilão do conto. A vilania que experimenta está expressa em vários níveis. A princípio, penso na traição à Lucrecia. A lucidez com que enfrenta o momento crítico do conto, quando do castigo infligido à escrava, dá uma das dimensões dessa vilania. Sua impassibilidade diante de toda a cena e o conhecimento dos motivos da falta da menina lhe conferem um alto grau de desumanidade. Nesse sentido, há que se pensar na agravante de que é ainda um adolescente, ou, na opinião, pelo menos retórica de João Carneiro, "o grande homem que há de ser". Na verdade, tudo representa a quebra de um juramento — ele reconhecia que a culpa, caso a garota não completasse o serviço seria dele: "Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena" — decorrente do desejo de não se indispor com o poder, nessas circunstâncias, o representado por Sinhá Rita. E como num sutil jogo de palavras, não se pode deixar de lado o toque de genial ambiguidade, para marcar a maldade de Damião: "Damião ficou frio... Cruel instante!". Ora, o rapaz teria ficado frio em razão da emoção de ter sido solicitado, ou o adjetivo se refere à "frieza", isto é, à indiferença quanto ao destino da menina? Ao lado disso, coroando o sentido, "cruel" referir-se-á ao conflito moral em que se estaria debatendo

Damião, ou estará simplesmente qualificando a decisão do seminarista? Evidentemente, se não é possível decidir a questão, é também por esse mesmo motivo que não se pode desconsiderar qualquer uma das possibilidades de resposta.

Outro nível de vilania de Damião pode ser visto no uso que faz das pessoas. O objetivo desse uso é, logicamente, a obtenção de benefícios, que, aqui, se representam pelo abandono de uma falta de liberdade se não igual, pelo menos, de certa forma, semelhante ao da escrava. Lucrécia, cria de Sinhá Rita, tem a liberdade tolhida, é claro, por sua condição social e, em última análise, pela repressão de Sinhá Rita. Já Damião tem sua liberdade contida por sua condição de filho de um homem que, quando menos, "dizem que é zangado". Sem contar com o aspecto emocional do ato de traição à Lucrécia, notamos que a vilania se traduz, ainda, por um princípio de conservação do tipo seleção natural, como já vimos, em que o mais apto (aqui, o que tece melhor a sua rede de relações) vence ou subjuga o mais fraco, ou seja, o "*mors tua, vita mea*" de que fala Bosi (1982, p. 456). A passagem da vara a Sinhá Rita serve para insistir no aspecto da lucidez de Damião, pois nesse dado disseminado por todo o texto vê-se a tônica da crueldade dessa personagem. É a luta pela vida.

A movimentação de Damião no conto indica a maneira de como trava as relações que o podem favorecer: Damião é, antes de tudo, um interesseiro astuto, e ainda "frio" e "cruel": "Sinhá Rita era uma viúva querida de João Carneiro. Damião tinha umas ideias vagas dessa situação e tratou de aproveitar". Obviamente, suas ideias não eram assim tão vagas e desde o início suas considerações refletem um pensamento arguto, de certa forma oposto às situações confusas em que é gerado. Como na situação da fuga, por exemplo. O narrador, a todo custo, procura transmitir a ideia de um "seminarista que ia espantado, medroso, fugitivo" ou "espantado, incerto", mas, ao mesmo tempo, revela que a personagem julga tudo com muita exatidão. Dir-se-ia que a necessidade a faz lúcida a ponto de, numa situação confusa como a da fuga, Damião alcançar um pensamento crítico e providencial: o seminarista "espantado" e "incerto" passou mentalmente por João Carneiro e logo lhe analisou os traços fundamentais de caráter: "o padrinho era um moleirão sem vontade, que por si não faria nada de útil". Damião também "percorre de memória as casas de parentes e amigos", pesando, em cada uma, a sua possibilidade de êxito. É ainda nessa situação que dá com Sinhá Rita, já tendo em vista as relações entre ela e o padrinho, e, também, já analisando o caráter autoritário que a viúva revelará e que poderá lhe valer: "Ela manda chamar meu padrinho, diz-lhe que quer que eu saia do seminário... Talvez assim...". Vale lembrar, ainda, o exame minucioso que faz da casa de Sinhá Rita, buscando pontos de fuga, quando pensa estar à mercê de alguma milícia que o pai tivesse convocado para que o buscassem e o devolvessem ao seminário. Contudo, é preciso atenção: se, a propósito, existe realmente uma lucidez que comanda Damião, ela não afasta uma outra ideia também constante do conto, que é a de uma transitoriedade de situações e decisões, a serem adiante abordadas nesta interpretação. Há, pois, em Damião uma consciência que observa atentamente as pessoas, os fatos e as relações entre os fatos e as pessoas. É assim para com João Carneiro, para com Sinhá Rita e, também, para com Lucrécia (no momento da entrega da vara, sobretudo). Quanto a João Carneiro, Damião percebe, nele, a necessidade da condução, e, em Sinhá Rita, percebe uma sede insaciável de conduzir; diante dessas circunstâncias, estabelece a relação entre seus dois favorecedores. Mas para estabelecer essa relação tem de ser sutil e, então, lança mão de um "teatro de ações e feições", de uma máscara como aquela ideada por Bosi (1982, p. 333).

Desde o primeiro momento em que encontra Sinhá Rita, Damião representa um papel afim com o favor que quer receber. Assim, faz já uma entrada triunfal, chegando de supetão à casa da viúva, "trêmulo, mal podendo falar". Logo depois, coloca-a a par da situação, falando num tom persuasivo que, provavelmente, não é o seu: "falou com paixão, pediu-lhe que o salvasse". Não era a chave para o coração da viúva. Isso, imediatamente percebe Damião, que se coloca totalmente submisso, dispensando àquela viúva "que vivia principalmente de ensinar a fazer renda" um tratamento semelhante ao que dispensaria a uma rainha, e assumindo uma posição de inferioridade que ratifica o

desejo de poder de Sinhá Rita: "Ajoelhou-se aos pés, beijou-lhes as mãos, desesperado". Assim, Damião dá-lhe todos os elementos e a oportunidade para que ela o proteja, além do que, dá-lhe as desejadas rédeas da situação. Em poucas palavras, Damião outorga-lhe, mesmo que com a devida dose de retórica, o poder de vida ou de morte: "salve-me da morte, porque eu mato-me se voltar para aquela casa". Que mais poderia esperar de submissão uma mulher como Sinhá Rita? E "lisonjeada", como aponta o narrador, já mostra o quão íntimo atingiu-lhe a atitude do moço; muito mais que agrado ela sentiu prazer, tocada no amor-próprio, como aos poucos vai revelando o narrador: "— Não atende? Interrompeu Sinhá Rita ferida em seus brios. Ora, eu lhe mostro se atende ou não". Será exagero supor que, nesse trecho de súplicas, Damião vai além de explorar "o desejo de poder" para ir estimular a sensualidade de Sinhá Rita? O fato de que o moço "ajoeilhou-se-lhe aos pés, beijou-lhe as mãos", leva-nos a imaginar um contato bem mais íntimo, estreito, tanto que Sinhá Rita "tentou chamá-lo a outros sentimentos" — numa alusão muito velada do narrador à questão da sensualidade — opondo, certamente, aquele momento a uma vida ("de padre") "santa e bonita". E é interessante notar que, enquanto ela hesitava "ainda muito tempo", Damião voltava a beijar-lhe as mãos, mostrando que o tempo gasto na cena foi longo e cheio de intenções. Além disso, a conversa animada que segue (e que será o anúncio da perdição de Lucrecia), outro toque físico — "[Sinhá Rita] puxou-lhe o nariz, rindo" (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 274 - colchetes nossos) —, a descrição dos "quarenta anos na certidão de batismo, e vinte e sete nos olhos", tudo isso vai indicando um trato mais afetuoso do que seria razoável supor a "pessoas estranhas", como diria João Carneiro.

O fato é que a viúva estava sendo habilmente preparada pelo moço para salvar-lhe a pele. Ela, que aparece sempre autoritária, aqui muda de postura, como nos mostram as expressões: "tentou chamá-lo a outros sentimentos" e "Sinhá Rita hesitou ainda muito tempo". "Tentar" e "hesitar", certamente, não são atitudes próprias de Sinhá Rita. Junto a esses expedientes, Damião usa também, muito sutilmente, colocar em dúvida o poder de Sinhá Rita: "Meu padrinho? [...] duvido que atenda a ninguém". É sempre, pois, com sutileza, com teatralidade que Damião vai tecendo uma rede de proteção. Por exemplo, faz questão de mostrar, não dizer, a sua aflição: "Damião suspirou alto e triste". O próprio narrador nos dá a pista da representação de Damião em frases dispersas pelo texto, segundo pode-se ver na obra de Machado de Assis, na qual dificilmente se encontra uma afirmação ou negação cabal. Pois é isso que se encontra nesta passagem, após a visita de João Carneiro: "Damião respirou, exteriormente deixou-se estar na mesma, olhos fincados no chão, acabrunhado"; e nesta, um pouco mais clara: "[Sinhá Rita] voltou a reanimar o seminarista, que estava outra vez no capuz da humildade e da consternação" (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 279 - colchetes nossos). Desse modo temos um Damião que se utiliza de uma máscara — já sugerida muito sutilmente por "capuz" nessa última referência — como instrumento para conseguir o favor. Um instrumento para usar as pessoas que, assim, também se transformam em instrumentos ou objetos.

Lucrecia entra na trama por via de reflexos. Deve ser punida para que Damião se beneficie. É, simplesmente, usada por ele. O castigo infligido a Lucrecia, por outro lado, leva-nos a pensar em outro problema, um dos motivos fundamentais do conto: a transitoriedade que se opera nos seres, o momento da decisão, da escolha, da afirmação. O momento da passagem da vara por Damião a Sinhá Rita, em si, cristaliza esse tema, que aparece no conto não sem uma cuidadosa preparação.

Parece-nos que por todo o texto está disseminada uma certa ideia de indecisão, um tom de quem vai fornecer todos os dados, as informações, as circunstâncias e acaba por não fornecer nada, deixando tudo velado. É próprio dos contos de Machado de Assis, que muitas vezes deixam ao leitor a tarefa de tudo decidir, interpretar, ou simplesmente o iludem acenando com essa possibilidade. Mas "os fatos são tudo, vamos aos fatos". O sempre sutil narrador logo no início, na primeira linha, deixa-nos na expectativa de uma decisão que não ocorre. Se o conto principia de maneira bem precisa, pelo menos quanto à indicação do tempo — "Damião fugiu do seminário às onze horas da manhã de uma sexta-feira de agosto" —, logo o narrador volta atrás, negando a chave de entrada,

indo de um extremo de precisão a um extremo de imprecisão. — “Não sei bem o ano, foi antes de 1850.” Isso, que notaremos acontecer muitas vezes, poderíamos chamar de ‘oscilação’ do texto.

Essa tendência de aproximar extremos pode ser observada, por exemplo, nos estado de espírito e nas reações de Damião, de João Carneiro e nas pistas que nos fornece o narrador. Deste modo, como já se observou, Damião, na confusão da fuga, quando deveria estar normalmente com o pensamento em desalinho, consegue fazer considerações detalhadas e, de certa forma, longas. As lembranças de sua entrada no seminário, por exemplo, que aproximam o momento da entrada e o da saída, são bem precisas e trazem elementos que corroboram com a ideia de aproximação de extremos, quando referem a fala do reitor ao receber o futuro seminarista: “A verdadeira grandeza é chã”. A expressão está, evidentemente, ligada ao futuro de Damião, que o padrinho já antevia apresentando-o ao reitor com “trago-lhe o grande homem que há de ser”. Ora, se para o termo “chã” existe o significado de “simples”, “sem enfeites”, também existe o de “rasteiro”, “vulgar” – o que, se, por um lado, propõe para Damião um futuro fundado em bases sólidas, vem a desqualificar em todo caso a atitude que tem o moço para com a escrava Lucrecia. E ainda na fala do reitor vemos quase uma oposição entre “grande homem” e “humilde e bom”, ligados por um “contanto”, que, se não exclui a possibilidade de um “grande homem” não ser humilde e bom, pode, também, ser uma referência ao futuro de Damião, que, assim como age no conto, “subirá na vida” tornando-se um ‘grande homem’, porém não necessariamente ‘humilde e bom’, tal e qual pode-se ver em outro conto de Machado de Assis, “Teoria do medalhão”. De acordo com esse ponto de vista, chama a atenção a fala de João Carneiro: “Trago-lhe o grande homem que há de ser” A ironia aqui não se esconde. Em primeiro lugar, como veremos adiante, João Carneiro pouco se importa com Damião, ao contrário, prefere-o “apoplético, morto” a indispor-se com o compadre; não gosta dele, pois julga-o “rebelde e vicioso”. Depois, a própria atitude de Damião para com Lucrecia dá, evidentemente, a dimensão do “grande homem que há de ser”.

Ainda com respeito à ‘oscilação’, podemos ver como isso se dá em relação às atitudes de Damião, como, por exemplo, em “[Sinhá Rita] Quis alegrar o rapaz, e, apesar da situação, não lhe custou muito” (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 275 - colchetes nossos): Damião, que há pouco suspirara “alto e triste”, logo depois contava anedotas rindo e fazendo trejeitos a ponto de, para infelicidade de Lucrecia, chamar-lhe a atenção. Observa-se a mesma questão aparecer quando se fala no “gênio galhofeiro de Sinhá Rita” e no “espírito leve” de Damião, e, ainda, quando, logo após, diz-se que Damião “esteve menos alegre ao jantar que na primeira parte do dia” e assim mesmo “jantou bem”. Trata-se, também, de ‘oscilação’ o momento de indecisão em que Damião pensa em fugir da casa de Sinhá Rita, e hesita entre escapar para a rua da Vala ou esconder-se na casa de um vizinho. O narrador, irônico, registra:

Saíram as vizinhas, e a tarde caiu de todo. A alma de Damião foi-se desfazendo tenebrosa, antes da noite. Que estaria acontecendo? De instante a instante, ia espiar pela rótula, e voltava cada vez mais desanimado. Nem sombra do padrinho. Com certeza, o pai fê-lo calar, mandou chamar dois negros, foi à polícia pedir um pedestre, e aí vinha pegá-lo à força e levá-lo ao seminário. Damião perguntou a Sinhá Rita se a casa não teria saída pelos fundos; correu ao quintal, e calculou que podia saltar o muro. Quis ainda saber se haveria modo de fugir para a rua da Vala, ou se era melhor falar a algum vizinho que fizesse o favor de o receber (MACHADO DE ASSIS, 1986, p. 278).

Se da ‘oscilação’ já lança mão o narrador para destilar sua ironia, como, por exemplo, em “Sinhá Rita dispunha justamente de um rodaque, lembrança ou esquecimento de João Carneiro”, com ela temos a caracterização de João Carneiro, a própria imagem da indecisão. Quando tem de sair, instado por Sinhá Rita, não se resolve: “João Carneiro não se animava a sair, nem podia ficar. Estava entre um puxar de forças opostas”. Mesmo os olhares com que fitava Sinhá Rita não tinham características definidas, eram olhares “de súplica, mesclados de um tênue raio de censura”. A própria quantidade de

orações alternativas que presidem seus pensamentos é significativa:

Não lhe importava, em suma, que o rapaz acabasse clérigo, advogado ou médico, ou de outra qualquer causa, vadio que fosse [...]
Por que não lhe ordenava que fosse a pé de baixo de chuva, à Tijuca, ou Jacarepaguá.
[...]
Deus do céu! Um decreto do papa dissolvendo a Igreja, ou, pelo menos, extinguindo os seminários, faria tudo acabar bem (Machado de Assis, 1986, p. 276 – 277).

São notáveis as soluções em que pensa, pois nada daquilo seria possível. Além disso, a solução “Ah! Se o rapaz caísse ali, de repente, apoplético, morto! Era uma solução — cruel, é certo, mas definitiva” tem muito em comum com a lógica de Damiano ao entregar a vara para o castigo de Lucrecia. Fica bem claro que temos, aqui, a noção de *mors tua vita mea*, isto é, ambos os fatos, um puramente mental, outro real estão apoiados na lei natural do egoísmo, da autopreservação.

Além desse momento, João Carneiro aparece, depois, por intermédio de uma carta em que conta os resultados da entrevista com o pai de Damiano. Nenhuma solução, como seria de esperar; ao contrário, João Carneiro protela todas as decisões: “O negócio ainda não estava composto” ou “João Carneiro lutou muito para conseguir que o compadre não resolvesse logo”. Explicava na carta que assim falara para melhor ganhar a causa. Não a tinha por ganha, mas, no dia seguinte, lá iria ver o homem e teimar de novo. A própria conclusão da carta não merece essa denominação, pois não conclui nada: “Concluiu dizendo que o moço fosse para a casa dele”. Seu desejo, é evidente, era de entregá-lo ao pai para livrar-se de tudo.

Vimos, portanto, que um dos motivos principais do conto, senão o principal, é lenta e continuamente introduzido, de modo a criar um tom de indecisão (ou desejo de decidir), de alternativa de flutuação entre os extremos. Vimos, também, que a necessidade como que cria o pensamento crítico, de modo que a decisão dependerá em grande parte da necessidade. E veremos, adiante, que dependerá, também, do interesse do favorecido e do favorecedor. Para encararmos melhor o problema, devemos pensar em dicotomias básicas: vontade/possibilidade e moral/fortuna.

Quando tomamos a primeira delas - vontade/possibilidade -, vemos dois momentos básicos do conto: o momento em que, constituída a ameaça de Sinhá Rita e Damiano prometendo apadrinhar Lucrecia, representa a vontade, isto é, aquilo que de melhor pode o ser humano oferecer a seu semelhante, um valor absoluto, isolado, que nasce em uma situação de equilíbrio onde não há desejo ou interesse de qualquer gênero. E permanecerá até que o equilíbrio seja abalado, apareçam desejos ou interesses e se caracterize a necessidade. Surgirá desse movimento o outro momento, o da possibilidade, representado, no texto, pela ocasião em que Damiano é solicitado por Sinhá Rita para entregar-lhe a vara. Aqui, tudo que o ser humano pode oferecer será pesado numa balança em que o padrão é o desejo ou o interesse, tanto do favorecido como do favorecedor. Aquele que não estiver numa posição segura ou cair entre essas forças fatalmente sucumbirá.

Intimamente ligada a essa dicotomia, encontra-se outra, qual seja, moral/fortuna, que pode, respectivamente, ser representada no texto por meio de duas passagens: “— Sim, tinha jurado apadrinhar a pequena, que por causa dele, atrasara o trabalho...”; “— [...] mas ele precisava tanto de sair do seminário!”.

Assim, “moral” corresponderia a “vontade”, “fortuna” a “possibilidade” e, no momento em que se instala a dúvida ocasionada pela premência da decisão processa-se uma divisão — o que escolher? — na consciência de Damiano: optar por aquilo que a moral julga certo — proteção à menina — ou por aquilo por que a consciência egoísta clama — a salvação da própria pele?

Machado de Assis aborda esse eterno conflito humano por meio justamente de uma personagem que está em plena adolescência, o momento da vida do ser humano em que é mais cambiante o conceito de moral. A atenção dada a esse período da vida do homem talvez — pensamos mesmo que seja provável — não esteja aqui somente pela

falta de firmeza que caracteriza essa época da existência, mas é possível que Machado de Assis insista em mostrar como desde cedo o homem é presa fácil de seus instintos caçadores, diante do que pode pouco a moral. E Machado de Assis não aposta nessa moral, tênue fio que sofria a explosão do instinto, de modo que o jovem Damião, amarga e conscientemente — “Damião sentiu-se pungido mas precisava tanto sair do seminário!” — caminha para a liberdade enquanto condena a menina Lucrecia.

Portanto, quem é na verdade Damião? Que há por detrás daquela máscara que o reveste?

Roberto Schwarz, citado por Bosi (1982, p. 334), afirma que se em Machado de Assis a máscara contém o rosto, e vice-versa, é impossível o desmascaramento. Em “O caso da vara” Damião não tem um rosto, pois este se confunde com o papel que ele representa. A aparência é valorizada, não há dúvidas, tanto que o castigo recai sobre as costas da personagem que não representou um papel naquele teatro todo, mas que foi espontânea em todos os momentos: o sorriso e o desespero. Enfim: a máscara satisfaz ao favorecedor. Damião está tão integrado a essa máscara que não se o imagina descerrando-a.

Mas parece haver algo mais, pois é possível que a rede de relações, sobretudo a que se estabelece entre Damião e Sinhá Rita, escondam seu principal produto: o legado do poder. Tudo isso lembra certas ideias de Paulo Freire (1983, p. 107 - 109), o educador para quem o diálogo constitui uma relação em que há nivelamento das partes, uma relação horizontal de simpatia entre duas pessoas. Só nessas bases há comunicação, algo em comum que une as partes. Já o anti-diálogo aparece como a forma oposta, uma relação vertical que, com a quebra da simpatia, não gera comunicação, mas comunicados lançados de cima para baixo.

Ora, não é o anti-diálogo que caracteriza a relação ‘Sinhá Rita/Lucrecia’, relação de arrogância onde há grande distância entre as partes? E não é o diálogo que caracteriza a relação ‘Sinhá Rita/Damião’, relação de simpatia onde a distância é mínima (e vimos que e como o é) e onde as partes têm sempre algo em comum? E o que poderia ser comum entre Sinhá Rita e Damião senão o poder? Ou será gratuito o fato de Damião ter sido incentivado a agir sempre da forma como agiu para com Lucrecia? Incentivo que vem do resultado positivo obtido por Damião com seus atos: ele vestiu a máscara e favoreceu-se; ele traiu Lucrecia e, com isso, logrou o benefício de ser adotado pelo poder.

Ao acostumar-se aos termos do poder, Damião receberá seus benefícios de bom grado, ainda que “pungido”. O poder, dessa forma, incrusta-se-lhe legado pela própria sociedade. E é claro que a pista disso pode ser surpreendida na própria fala pressaga das personagens: “Trago-lhe o grande homem que há de ser”, diz João Carneiro ao reitor; “Há de alcançar tudo”, diz, “cheia de si”, Sinhá Rita a Damião.

Porém, o momento, entre todos, que mais causa impressão é mesmo o da passagem da vara — dirá Brás Cubas: “não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (MACHADO DE ASSIS, 1984, p. 97) —, quando Damião e Sinhá Rita, cada um a seu modo, condenam aquela menina à desgraça — seja social, moral ou mesmo física. O exato momento em que a vara une a mão do moço à mão da viúva, formando em Damião um vínculo entre o servil e o ser vil.

AQUATI, C. Power Bonds: Machado de Assis’ “O Caso da Vara”. **Olho d’água**, São José do Rio Preto, v. 1, n. 2, p. 83 - 92, 2009.

Referências

BOSI, A (Org.) *et al.* *Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1982.